



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à ESPN Brasil
Palácio do Planalto, 21 de janeiro de 2009

Jornalista: Presidente, primeiro eu queria agradecer pelo fato de o senhor abrir as portas do Palácio do Planalto para nos receber, e dizer que houve uma condição para que fizéssemos essa entrevista: que obrigatoriamente teríamos que falar do Corinthians. No ano passado o senhor até gostou de falar do Corinthians, pela campanha na série B. Há dois anos, nem tanto, né?

Presidente: O que eu achei importante o Corinthians ir para a série B é que o jogo era no sábado e eu poderia ver o jogo tranquilo. No domingo eu perdia, porque eu vinha para cá às 6 horas da tarde, eu tinha que sair de São Bernardo do Campo na hora em que o jogo estava no meio. Como o Corinthians foi para a série B, eu assisti todos os jogos do Corinthians.

Jornalista: E este ano, Presidente, com o Ronaldo, com esse time que o Corinthians está armando, “aquele bando de loucos”, como disse...

Jornalista 2: Como disse (incompreensível): chegou mais um.

Presidente: Falando do Ronaldo, primeiro, ninguém tem dúvida de que o Ronaldo é um jogador excepcional. Quem ganha três vezes o título de melhor jogador do mundo, não ganha à toa. Tem serviços prestados para o futebol mundial e para o futebol brasileiro. Ora, com 32 anos, ser centroavante sem ter o pique que ele tinha dez anos atrás, é mais difícil jogar de centroavante e ser marcado por um moleque de 20 anos. Aí conta a experiência. Se ele não tiver que dar os piques que ele dava quando tinha 28 anos, mas utilizar a



experiência dele dentro da grande área, ele pode marcar os gols que o Corinthians que está precisando. Eu tenho visto pronunciamentos do Ronaldo na televisão e acho que ele está muito otimista, ele está com muita vontade. Eu acho que ele tem chance de fazer muita coisa. A gente não pode se esquecer que o Romário, outro dia, com quase 40 anos, foi artilheiro do Campeonato Brasileiro. Ou seja, saber jogar, ele sabe. Entender onde tem que ficar, ele entende... é preciso saber se ele está disposto a assumir o sacrifício de se manter em forma física para enfrentar um moleque de 20 anos de idade.

Jornalista: Presidente, uma frase... claro que um assunto muito importante hoje é a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Uma frase que o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, tem dito é que já ouviu do senhor que no dia seguinte à definição das cidades-sede, o governo entra com o PAC para auxiliar na construção da Copa do Mundo. Como é que vai funcionar o PAC em relação à Copa de 2014?

Presidente: Nós estamos esperando, primeiro, que a Fifa e a CBF definam as cidades, porque são eles que têm que definir. Nós temos 27 estados, tem 18 que se inscreveram. Portanto, não é prudente o presidente da República se meter e dizer: é essa ou aquela cidade. Tem que ser um problema no plano da CBF e no plano da Fifa. Na hora em que eles escolherem as cidades, nós vamos preparar um PAC de Mobilidade Urbana. Em função dos projetos apresentados pelos governadores, que estão agora rerepresentando o projeto executivo das coisas que apresentaram anteriormente para a Fifa, nós pretendemos contribuir. Primeiro, a questão do estádio é com os clubes de futebol e com a CBF. Mas a questão do transporte, a questão de vias de acesso, a questão de metrô, a questão de corredores de ônibus, tudo isso o governo federal pretende participar, junto com os governos dos estados e junto com os governos municipais. Eu já orientei a ministra Dilma a chamar depois,



individualmente, os governadores e os prefeitos de cada estado e de cada cidade que for sorteada, para que a gente discuta a tarefa de cada um: o que vai fazer a prefeitura, o que vai fazer o governo do estado e o que vai fazer o governo federal. Se a gente não fizer assim, se der alguma coisa errada, sobra para o Brasil. E sobrando para o Brasil, vai sobrar para o governo federal. Como nós temos cinco anos pela frente, nós precisamos trabalhar de forma antecipada. E isso está dentro dos nossos planos porque vai gerar emprego, porque é um investimento que vai melhorar a qualidade das cidades, e eu acho que o PAC está preparado para fazer isso. Agora, vamos primeiro esperar o sorteio. Depois vamos chamar, por exemplo, chamar o Sérgio Cabral e o prefeito, chamar o Serra e o prefeito, para ver o que eles têm de projeto, o que eles estão dispostos a fazer, para que o governo federal entre de forma complementar nesse projeto de Mobilidade Urbana, porque nós estamos pensando na Copa do Mundo, mas estamos pensando, sobretudo, é que depois da Copa do Mundo o povo brasileiro vai ter melhor qualidade de vida.

Jornalista: O senhor disse que pretende fazer com que os clubes de futebol cuidem dos estádios. O senhor acha que é possível impedir que no âmbito estadual e municipal, esse dinheiro chegue para construção dos estádios?

Jornalista 2: Por exemplo, o Mané Garrincha vai ser reconstruído com uma parceria público-privada, e ainda não se sabe qual é a parte privada dessa parceria.

Presidente: O governo federal não colocará dinheiro em estádio. É preciso ficar muito claro que isso é da responsabilidade dos governos estaduais, dos prefeitos, das empresas e dos clubes. Nós não iremos cuidar dos campos de futebol. Isso é da responsabilidade de quem tem time de futebol. Agora, o que nós queremos cuidar é de permitir... Vai precisar de uma linha de metrô? Vai



precisar de uma linha de trem? Vai precisar de um corredor de ônibus? Vai precisar melhorar alguma coisa que vai melhorar a vida das pessoas? Os aeroportos precisam melhorar? De tudo isso nós estamos dispostos a participar firmemente, porque no fundo, no fundo, depois que acaba a Copa do Mundo – se o Brasil ganha, é ótimo; ou se o Brasil perde – o que fica, na verdade? Fica para o povo brasileiro um patrimônio de obras públicas que vai servir à sociedade brasileira para todo o sempre.

Jornalista: Presidente, essas são lições aprendidas com a realização do Pan-Americano do Rio de Janeiro, em que havia também um plano estadual, municipal, um plano federal, de deixar um legado para a cidade do Rio de Janeiro? Por exemplo, a despoluição da Baía da Guanabara, a extensão do metrô lá no Rio e outras obras que ficariam para a cidade, enfim, e acabou não acontecendo. São lições aprendidas do PAN a serem evitadas na Copa?

Presidente: Sim. Primeiro, o governo federal não assumiu o compromisso de despoluir a Baía da Guanabara. Naquele momento em que foi realizado o PAN, nós não tínhamos uma relação tão, eu diria, harmônica, como nós temos hoje com o governo do estado e com o prefeito. Havia uma disputa insana, em que a gente não conseguia fazer um pacto nem com a governadora do Rio naquele momento, muito menos com o prefeito. E o que eu dizia para o Ministro do Esporte? Essa coisa vai sobrar para nós, vai sobrar para nós...

Na hora de apresentar os projetos, todo mundo vai lá, apresenta o que é mais bonito, tudo maravilhoso. Mas depois que apresenta, tem que fazer. É mais ou menos como o Obama agora, ou seja, o melhor momento do Obama foi entre a vitória e a posse. A partir de hoje, o Obama está com um pepino infinitamente maior do que qualquer presidente da República já teve. Porque ele tem o Oriente Médio, ele tem os soldados do Iraque, ele tem o Afeganistão, e ele tem a maior crise econômica que os Estados Unidos estão vivendo.



Então, apresentar projeto é assim, as pessoas apresentam as coisas mais maravilhosas. No PAN, eu alertava o ministro Orlando de que era preciso que a gente pactuasse com o prefeito e com a governadora tudo o que a gente tinha que fazer, para que a gente não fosse cobrado depois. O que aconteceu? Foi se aproximando a data do PAN... Não tem nada mais negativo do que, faltando um ano, você dizer “não vamos fazer porque não temos condições”. E aí o governo federal assumiu a responsabilidade de colocar o dinheiro que precisava para fazer as coisas que tinha que fazer.

E conseguimos fazer o melhor PAN, reconhecido por todos os países que estavam lá, da história dos Jogos Pan-Americanos. Ficou um legado lá e é preciso que aquele legado seja aproveitado pelo povo do Rio de Janeiro. Aquilo não pode ficar parado para as moscas passearem no sábado e no domingo. Aquilo tem que ser aberto, de preferência todo santo dia, para que o povo desfrute daquilo. Era esse o objetivo da gente fazer o investimento, é que você deixe um legado para o povo brasileiro, porque aí o povo vai poder praticar mais esporte.

Eu ainda trabalho com a hipótese de que o Brasil, um dia, vire uma potência olímpica. Essas coisas não acontecem de um dia para o outro, mas vai acontecer na medida em que a gente vá criando as condições. E os Jogos Pan-Americanos foram extraordinários para o Brasil. Não só a participação do Brasil, mas acho que nós conseguimos realizar uns Jogos, eu diria, invejáveis, melhor do que muitos que foram realizados em outros países.

Jornalista: Presidente, eu tenho uma pergunta do nosso diretor de jornalismo, o José Trajano. O José Trajano, falando sobre o Pan-Americano, ele gostaria de saber do senhor se “é possível confiar nas pessoas que organizaram o PAN e cometeram esses erros ou esses equívocos, e que são as mesmas pessoas que hoje estão no comando da postulação da candidatura do Rio de Janeiro para a sede dos Jogos Olímpicos?” Já que são as mesmas pessoas que na



hora de pagar a conta, vieram com a conta para o governo federal pagar. E o senhor mesmo reconhece que o legado que deveria ter sido deixado para o Rio de Janeiro não foi deixado, não é? Tem o Engenhão, tem o Maria Lenk, tem a Arena e tantas coisas que foram prometidas que, na verdade, não aconteceram para que ficassem para o povo do Rio de Janeiro. É possível confiar nessas pessoas?

Presidente: Primeiro, se o povo ainda não está utilizando o que foi feito para o PAN, é um equívoco, porque o povo tem que utilizar aquilo. Aquilo foi feito para ser utilizado. Você não pode fazer uma praça esportiva e ela ficar quatro anos esperando que venha outro evento internacional para você fazer práticas esportivas. Então, se não está sendo usado, é preciso utilizar aquilo 24 horas por dia.

Segundo, no governo você trabalha em parceria com o governo federal, com o governo estadual, com o governo municipal e com as instituições que representam as áreas esportivas. Ou seja, não cabe a mim dizer quem é que vai ser a direção do COB, não cabe a mim dizer quem vai ser a direção da CBF. Cabe aos clubes que elegem o presidente. Quando nós passamos o dinheiro, nós passamos o dinheiro em função do projeto. Aí você tem o Tribunal de Contas, que fiscaliza; você pode ter, em dúvida, o Ministério Público para fiscalizar, porque senão a obra não anda. O que não pode é o governo federal assumir a responsabilidade de ele executar as coisas no município.

Eu penso que se há... O Tribunal de Contas levantou a suspeita sobre a questão do PAN, está investigando. Nem toda suspeita se torna verdade, por isso eu acho que temos que ser comedidos ao fazer julgamento de uma suspeita como se o crime tivesse acontecido. Se houve danos, as pessoas que praticaram terão que pagar.



Jornalista: O senhor falou de o povo desfrutar. O senhor tem convicção de que o povo vai desfrutar a Copa de 2014, ou seja, que vai ter dinheiro para comprar ingresso, assistir a Copa do Mundo em um estádio?

Presidente: Eu acho que vai ter. Primeiro, porque vocês, melhor do que eu, sabem o que o futebol significa na alma do povo brasileiro, sobretudo em se tratando de Copa do Mundo. Nós temos uma coisa parada no nosso peito, que é a Copa do Mundo de 1950. Portanto, nós voltarmos a fazer uma Copa e, se tudo der certo, ter uma final no Maracanã, eu acho que será uma coisa que o povo brasileiro fará qualquer sacrifício para ir. E também nós temos que ter conversas com a Fifa e com a CBF, porque os ingressos têm que ser compatíveis com o poder aquisitivo do povo brasileiro. Você não vai cobrar o preço que se cobra em uma Copa na Alemanha.

O que é importante a gente ter claro é que uma Copa não é apenas a prática do futebol. É o benefício que trará à imagem do País se nós fizermos as coisas corretas. Eu estou convencido de que nós temos condições de realizar uma Copa do Mundo extraordinária, até porque eu sempre trabalho com a idéia de que o homem só consegue vencer obstáculos se ele tiver desafios importantes. Ou seja, nós temos que nos colocar desafios todo santo dia para a gente vencer.

Alguns companheiros comentaram: “por que vai fazer a Copa do Mundo aqui, que o Brasil não tem dinheiro”. Ora, se nós tivemos dinheiro para fazer uma Copa do Mundo em 1950, quando a gente só plantava café, hoje que nós produzimos celular, produzimos aviões, produzimos carros, por que nós não podemos fazer uma Copa do Mundo com muito mais competência do que os outros fizeram? Nós temos que aproveitar a criatividade brasileira, também temos que ter em conta que vai gerar possibilidades de investimentos; investimentos geram empregos, empregos geram salários, salários geram melhoria de vida das pessoas. É por isso que nós estamos brigando pelas



Olimpíadas de 2016. Não é fácil. Agora, ninguém consegue me explicar por que as Olimpíadas são feitas apenas para os países desenvolvidos. Por que a América do Sul toda deve ter cinco votos, enquanto a Suíça, sozinha, tem cinco votos no Comitê Olímpico?

Então, se o Brasil não briga, como maior país da América Latina, maior economia da América Latina, por que não pode ter Jogos Olímpicos aqui? Se for decidido - eu acho que é agora que vai decidir - que seja aqui... Chicago já teve, Estados Unidos já tiveram várias vezes, Barcelona já teve em 1982, Tóquio já teve. Por que não o Brasil? Qual é o preconceito contra a América do Sul? Qual é o preconceito contra os pobres? É dar chance aos continentes... Por isso é que eu fico feliz que a Copa do Mundo esteja na África do Sul. Vai ter problema? Vai. Não vai ser suntuosa como foi na Alemanha? [Não] vai. Ora, meu Deus do céu... Mas a África do Sul tem o direito de fazer uma Copa do Mundo e o Brasil tem direito de fazer uma Olimpíada. Eu só não vou reivindicar para nós fazer as Olimpíadas de inverno. Se duvidar, a gente vai reivindicar isso.

Jornalista: Mas aí tem que fazer em Bariloche.

Presidente: Faz em São Joaquim, lá em Santa Catarina.

Jornalista: Presidente, o senhor não foge de uma boa briga, o senhor não foge de um bom debate. Em 2014, 2016, o senhor imagina onde o senhor pode estar?

Presidente: Em 2014 eu imagino estar nos estádios, vendo os jogos da Copa do Mundo.

Jornalista: Como comentarista?



Presidente: Não, como torcedor. Você sabe que eu, na verdade...

Jornalista: Eu ouvi uma história de que o senhor quer ser comentarista.

Presidente: Não. Eu gostaria de dar palpite. Comentarista eu nunca vou ser, mas um palpitezinho... Você sabe que médico e técnico de futebol, todo brasileiro é. Médico é assim: você está num lugar qualquer e fala “estou com tal coisa”, aparece alguém falando “toma tal remédio”. Técnico de futebol, todo mundo escala a Seleção brasileira, todo mundo escala o time do Palmeiras, do Corinthians, do São Paulo, do Santos. Então, palpite eu sei dar.

Quando terminar a Presidência, eu vou voltar para São Bernardo do Campo e viver a vida de ex-presidente. Eu tenho clareza de que o melhor papel que um ex-presidente pode exercer é ficar quieto, é permitir que quem seja eleito governe o País tranquilo, sem dar palpite. Eu, obviamente, não vou deixar a política, mas eu tenho vontade de ver o jogo como torcedor, na arquibancada. Eu nunca aceitei esse negócio de tribuna de honra, porque eu acho que futebol é uma coisa tão popular que... eu já fui convidado muitas vezes “vamos ver tal jogo da Seleção, vamos ver tal coisa do Corinthians”. Não. Eu vou quando puder ir como um cidadão brasileiro comum, sem aparato de segurança, sem todo mundo estar de olho. Eu quero ir como torcedor mesmo, para torcer, para gritar, para xingar. Xingar mais moderadamente, nunca vaiar o Corinthians.

Jornalista: O senhor vaia?

Presidente: Eu nunca vaiei. Eu acho estranho uma torcida de um time vaiar o time. Eu nunca vaiei o meu time. Eu só fico nervoso quando vejo que um jogador está fazendo corpo mole. Vocês conhecem isso infinitamente melhor



do que eu. Do que um torcedor gosta? Que ele perceba que o jogador está suando a camisa, mesmo quando perde. Ele quer ver se o cara está correndo, se o cara perde a bola e sai atrás da bola. Eu acho um desaforo um atacante perder a bola e achar que é o cara da defesa que tem a obrigação de tomar a bola do cara que tomou a bola dele. Ele não dá um passo. Às vezes ele coloca a mão na cintura e fica esperando que alguém tire a bola do cara que tirou dele. A gente gosta do jogador que corre, que se esforça. Por que o Tavez virou ídolo do Corinthians em pouco tempo? Por conta disso. Porque a torcida via que o cara ia... a bola estava quase saindo, ele ainda tentava pegar. Tem uns que a bola ainda dá para pegar e eles deixam passar.

Então, o torcedor é isso. O torcedor é essa coisa alucinante. Eu me lembrei de uma entrevista que eu dei... o caso do Ronaldo. O Ronaldo está vivendo um momento excepcional da vida dele. A torcida toda apaixonada, todo mundo torcendo por ele. Agora, na hora em que entrar em campo, se der certo o jogo... se não der certo, tudo bem. Se não der certo o segundo, tudo bem. Se não der certo o terceiro, vai começar a cobrança, que é normal e natural de quem pagou um ingressozinho para ver o seu time ganhar.

Jornalista: Presidente, no futebol qual é o grande ídolo do senhor? Vamos deixar o Pelé, talvez, num outro patamar. Mas, da história do Corinthians.

Presidente: O Pelé, eu tenho uma relação de amor e ódio com ele, porque durante 15 anos aquele negão infernizou a minha vida. Tinha jogo do Corinthians, que eu estava achando que o Corinthians ia ganhar, daqui a pouco o Pelé fazia dois gols e ganhava o jogo.

Eu tenho... o do Corinthians é o Rivellino. Eu ainda sou do tempo do Cláudio, Luizinho, Baltazar, sou do tempo ainda do Rafael. Mas eu acho que o Rivellino foi a grande figura do Corinthians, foi um jogador completo durante décadas. Agora, fora, eu tenho... eu comecei a torcer pelo Vasco por causa do



Bellini. Depois... acho que foi campeão do mundo em 1958, aquele time: Bellini, Orlando, Coronel, Pinga. Então, eu virei vascaíno por conta daquela disputa lá.

Mas eu acho que o Garrincha, depois do Pelé, é incomparavelmente o melhor artista da bola que eu já vi na vida. O Garrincha era desprezioso como profissional e extraordinário como moleque. A bola no pé do Garrincha era prazer certo para todo mundo.

Eu gosto de muitos jogadores. O Zico, eu acho que foi uma figura extraordinária, o Júnior foi uma figura extraordinária. No Palmeiras teve o Ademir da Guia. Eu achava o Ademir da Guia... O Brasil era tão bom que o Ademir da Guia não era convocado para a Seleção brasileira. De tão bom que o Brasil era. Hoje qual é o meio de campo que tem no Brasil? Comparem a Gerson, a Rivelino, a Didi, a Zito, a Clodoaldo. Você não tem. Lamentavelmente, não tem. Por quê? Porque a meninada está indo embora com 15 anos de idade, 16 anos, 17 anos. Em vez de a gente ensinar eles a jogarem bola, nós estamos pegando o jeito deles de jogar bola. Aquilo que falavam da ginga brasileira... nós agora estamos quase ficando tão duros quanto os alemães eram.

Jornalista: Presidente, ainda em cima disso que o senhor falou sobre os garotos brasileiros saírem tão cedo do Brasil para jogar em times lá fora. Já se tentou de tudo, algumas medidas foram apenas paliativas para impedir que eles fossem tão cedo para fora. O senhor acredita que existe uma possibilidade de impedir que esses jovens saiam tão cedo? Ou apenas com o fortalecimento dos clubes, os clubes tendo mais dinheiro, é que eles vão conseguir segurar esses garotos?

Presidente: De vez em quando eu vejo vocês debaterem e eu sinto que vocês têm a mesma angústia que eu tenho. Primeiro, que não há como você evitar que um jovem, normalmente pobre, da periferia, possa ganhar muito dinheiro.



É o sonho desse jovem ganhar muito dinheiro. Depois, no caso dele viajar para fora, não é apenas a questão do dinheiro que conta. Mas conta também a questão cultural. Um moleque de 17, 18 anos, como o Alexandre Pato, por exemplo, ir morar em Milão e viver uma vida européia é uma coisa que encanta, do ponto de vista cultural. Eu conversei muito com o Kaká, ele veio aqui há dois anos. Não é apenas o problema do dinheiro. O dinheiro conta, obviamente que conta. Mas é o problema também de uma nova cultura, de aprender uma nova língua, de conviver com outras culturas, e o centro da Europa proporciona isso a qualquer pessoa.

Mas qual é o problema que eu sinto? Nós não podemos proibir, porque a escravidão acabou há muito tempo neste país, ou seja, é o direito de ir e vir das pessoas. O que eu acho grave é que, por conta disso, o Brasil deixou de ver os melhores espetáculos de futebol internamente. Se eu quiser ver, tenho que ligar a ESPN e ver jogos internacionais, ver os jogos da Inglaterra, ver os jogos da Alemanha, ver os da Espanha, ver os jogos da Itália. É lá que eu vejo os melhores jogadores brasileiros e é lá que eu vejo os melhores times do mundo. Não é um campeonato brasileiro, não é um campeonato paulista. Gostaria que fosse. No tempo em que você tinha o Dorval, o Mengalvio, o Coutinho, Pelé e Pepe; no tempo em que você tinha Cláudio, Luizinho, Rafael, então era bom você ligar a televisão, porque estava vendo os astros jogarem aqui. Agora, não. Agora você tem que procurar, para ver. Eu, se quiser ver o Ronaldinho jogar, tenho que ver o jogo do Milan. Se eu quiser ver o Pato jogar, eu tenho que ver o jogo do Milan, não consigo ver aqui dentro.

Então você não consegue evitar. O que eu acho que tem que fazer? Eu já sugeri ao Grupo dos 13: é preciso que vocês pensem um projeto que possa garantir uma certa dificuldade para as pessoas que se vão com tanta facilidade. O Ronaldinho quase vai de graça para fora. O Kaká foi por US\$ 8 milhões. Quanto vale hoje? E o que o São Paulo ganhou? Então, era preciso que houvesse uma regulação que permitisse a esse jogador, pelo menos ficar até



os 20, 21 anos aqui no Brasil - não sei se isso é possível - ou que os clubes pudessem ter uma participação maior na venda do atleta.

Já começou algum sinal. Eu estou vendo jogador aí com 16 anos, que nem provou que é jogador ainda, já está segurado em R\$ 100 milhões, R\$ 50 milhões. Também vira uma farra do boi, porque agora um menino quando decide “eu vou jogar bola”, ele já tem um empresário do lado dele. Tem alguns que têm até assessor de comunicação. Então, virou uma loucura esse negócio no futebol. Dá muito dinheiro, é o sonho de todo jovem.

Agora, isso vai acabar mesmo quando os clubes brasileiros tiverem as mesmas condições de pagar o que pagam os times europeus. E vai levar tempo, porque nós não temos os times estruturados para isso, nós não temos os times profissionalizados. Se olhar o Brasil, o time mais estruturado que nós temos é o São Paulo. Do ponto de vista da organização, do ponto de vista da formação de novos jogadores, é o São Paulo. Por isso o São Paulo está sempre vendendo jogador e sempre recolocando jogador importante. Obviamente que se você pegar o time do São Paulo que foi campeão agora... o time foi campeão, mas se você comparar com o São Paulo do Raí, do Müller, está muito longe de ser aquele time. E todos estão definhando a cada ano. A cada ano que passa, os times estão ficando mais empobrecidos, a ponto de você ter time que, no meio do campeonato, perde quatro ou cinco jogadores. Os clubes endividados, a direção quer resolver o problema do clube, paga, às vezes, o jogador e o Brasil vai ficando empobrecido.

Por isso que é importante... eu já vi, acho que vários de vocês disserem: o Brasil não é mais o melhor futebol do mundo, o país... O Brasil, na verdade, é o melhor formador de jogadores para o mundo, mas aqui nós não temos mais o melhor futebol do mundo praticado para o povo brasileiro assistir. Essa é uma verdade nua e crua.

Então, eu gostaria, se vocês tiverem sugestões, alguma coisa que a gente possa fazer. Eu não quero nem prejudicar os jogadores, porque eu acho



que é um direito deles de irem, e gostaria de garantir que a meninada brasileira pudesse ver as coisas que eu vi na vida. Poder ver o Santos jogar com o Palmeiras na super Copa de 1959, com o time do Palmeiras muito bom, com o time do Santos muito bom. Então, você vê um espetáculo que, se for só aquilo, já valeu a pena. Hoje você vê os times, estão empobrecidos, estão...

Eu gostaria de ajudar. Obviamente que não vai ser o presidente da República que vai fazer a lei. Ou essa coisa vem dos próprios interessados ou ela não vai sair, porque a Lei Pelé tem uma visão eminentemente de um jogador de futebol, ou seja, do lado do atleta. Ela não tem uma visão do lado do clube, do lado do País, e o próprio Pelé concorda que é possível fazer um ajuste, fazer mudança para garantir isso.

Eu acho que nós deveríamos pensar seriamente nisso. É o momento.

Jornalista: O senhor falou do Clube dos 13... passa também pela CBF. Quando o senhor foi candidato à Presidência da República pela primeira vez, em 1989, o presidente da CBF já era o Ricardo Teixeira. Como é que o senhor avalia o fato de o presidente da CBF precisar ser o mesmo em 2014, se o presidente da República pretende estar na arquibancada?

Presidente: Olha, quando eu fui eleito pela segunda vez... Eu fui eleito presidente do Sindicato em São Bernardo, em 1975, e fui candidato à reeleição em 1978. Eu tomei posse no dia 24 de abril de 1978. Nesse mesmo dia eu decidi, em assembléia do Sindicato, que nenhum presidente poderia ser presidente mais de dois mandatos. E eu gostaria que fosse assim nos clubes de futebol, nas associações de vila, porque eu acho que a alternância de poder é extremamente importante para as instituições que são dirigidas por alguém eleito. Agora, quem elege o Ricardo Teixeira? São as Federações, não é isso? Então você tem 27 Federações que escolhem o presidente da CBF – não sei se é esse o colégio eleitoral. Quem tem 27 votos para ser eleito, vai ser eleito



quantas vezes quiser, porque é um colégio muito pequeno, que vira um clube de amigos. Eu não questiono a administração de ninguém, porque também não cabe a mim ficar dando palpite, mas eu sou favorável à alternância de poder. Eu acho que alguém ficar 20 anos, 25 anos, 14 anos... Fica lá quatro anos, fica oito anos, seis anos, e dá o lugar para outro. Essa alternância pode gerar uma nova dinâmica, mais motivação, mais ousadia, mais coisas para o Brasil.

Jornalista: Presidente, isso se aplica também, evidentemente, à Presidência do COB, à Presidência da Confederação Brasileira de Atletismo, de Basquete, de Boxe...

Presidente: À tudo. Eu tenho ouvido gente dizer que o presidente da sua entidade está há 30 anos, está há 28 anos, e isso não é bom. Isso não é bom para a entidade, seja a federação de basquete, a federação de boxe, a federação de ping-pong, a federação de tênis de mesa, a federação de natação. É importante que haja essa alternância de poder para que tenha nova motivação, que venha gente com novas idéias. Você veja o Roberto Dinamite agora, que ganhou o Vasco da Gama. Muita gente tentou xingar o Roberto Dinamite porque o Vasco caiu. Mas o Vasco não caiu porque o Roberto Dinamite virou presidente. O Vasco caiu porque era resultado de uma coisa que vinha sendo plantada há muito tempo.

Então eu sou amplamente favorável. Eu sou favorável que haja alternância, e aí era preciso que se mudasse os estatutos das entidades para que essas coisas pudessem acontecer.

Jornalista: No ano passado nós levamos ao ar um programa chamado “Brasil Olímpico”, uma prestação de contas à sociedade, que terá uma outra versão neste ano de 2009. Nesse programa, vários atletas falavam exatamente sobre esse continuísmo e não a continuidade de uma boa administração. Mas o



senhor que vem do movimento sindical, como eu disse, gosta de um debate, não acha também que falta para o atleta brasileiro um poder de voz maior, ele próprio se juntar mais, ou o atleta falar mais, o atleta cobrar mais? O senhor tem conversado com muitos atletas também – Hortência, Paula, Oscar –, tantos atletas que vieram até o senhor para discutir o esporte olímpico brasileiro.

Presidente: Olhe, eu acho que hoje há uma participação maior. Eu tenho conversado com muita gente, acho que nunca na história do País houve tantos eventos esportivos aqui dentro do Palácio, para anunciar coisas com os atletas brasileiros. O atleta só vai ter vez... Você está lembrado da democracia corintiana, com Sócrates, com Casagrande, com Wladimir. Aquilo só é possível se você tiver um diretor de esportes que tenha abertura política para permitir que o atleta dê palpite. Muitos atletas, se resolverem dizer o que pensam, eles serão boicotados, serão proibidos, ou o patrocínio desaparece. Agora que nós criamos o Bolsa-Atleta, nós já temos 3.300 atletas recebendo o Bolsa-Atleta, eu espero que as pessoas... na verdade, eu gostaria que os clubes fossem dirigidos de forma colegiada, ou seja, que se tivesse também os jogadores participando das decisões do clube. Mas isso não é de lei, isso tem que ser da consciência política dos dirigentes esportivos brasileiros. Eu acho que é preciso haver uma evolução. O cidadão ficar – para não falar mal de outro, eu vou falar mal do meu clube – o cidadão ficar o tempo que ficou o Wadih Helu, o tempo que ficou o Vicente Mateus, o tempo que ficou o Dualibi. As pessoas precisam entender que quando chega um determinado momento, é bom que venha outro para o seu lugar, é bom que tenha sangue novo. Agora mesmo, nós fizemos um acordo com a Índia, em que nós conseguimos trazer embriões do gado indiano para renovar o nosso rebanho bovino, aqui. De vez em quando é preciso um pouco de sangue para renovar os dirigentes esportivos do País.



Jornalista: O senhor pensa na Presidência do Corinthians?

Presidente: Não, pelo amor de Deus!

Jornalista: Presidente, como torcedor do Corinthians, a gente conhece, e já teve mais algumas mostras nesta nossa conversa. Muita gente reclama da relação do torcedor brasileiro com a Seleção brasileira pelo êxodo, pela quantidade de jogos no exterior. Como é que o senhor tem se comportado em relação à Seleção brasileira? O torcedor da Seleção brasileira está vivo aí dentro ainda?

Presidente: Está vivo. Por isso eu fiz uma crítica antes de o Brasil jogar com o Chile. E, por coincidência ou não, foi o melhor jogo do Brasil nas eliminatórias.

Jornalista: Todo mundo pediu para o senhor falar mais, não é?

Presidente: Sabe o que acontece, gente? É que nenhum torcedor – nem vocês quando estão transmitindo uma partida de futebol – se contenta com a apatia de um atleta. Alguém precisaria me explicar: por que o Ronaldinho joga tão na linha do campo, por que ele joga quase fora do campo? Eu tenho visto os jogos, o Ronaldinho, que é uma das figuras mais extraordinárias com uma bola no pé, parece que a bola tem fogo, ele não passa mais a bola, ele se livra da bola. Ele não tenta ser ele mesmo, fazer o que ele melhor sabe fazer: partir para cima dos adversários, driblar os adversários. Ele não faz mais isso, ele fica quase na linha de escanteio, é capaz de passar a bola e ele estar fora do campo. Eu conversei com ele quando fui à Itália, e o Berlusconi levou o Kaká, o Ronaldinho, o Dida e o Pato para conversarem comigo. Eu falei: Ronaldinho, você tem que levantar a cabeça para dar entrevista, parece que está com vergonha. Levanta a cabeça! Você tem que fazer o que sabe fazer, que é



driblar, rapaz, que é correr para a frente, é marcar gol. Esse negócio de ficar acanhado no meio do campo... Falei para ele das Olimpíadas, ele foi lá para liderar aquele time, e era o primeiro a se abater! Outra coisa que eu acho que falta nos times é liderança dentro do campo. Se eu fosse dirigente de um time, eu reuniria os jogadores e falaria o seguinte: eu vou sair da sala e vocês vão escolher para ser o capitão do time o cara que vocês mais respeitam, sabendo que esse cara vai xingar vocês em campo, sabendo que esse cara vai gritar com vocês. Se não existir essa relação de companheirismo, em que um... Vocês, na televisão: se não tiver alguém que em uma hora reúna vocês e fale: “você fez isso errado, você fez aquilo errado, não pode mais ser assim”, você pode até não gostar, mas alguém tem que fazer esse papel. O Carlos Alberto fazia isso bem no Santos. Ser líder é uma coisa diferente. Por que o Pelé nunca foi capitão do Santos? Porque um líder tem que saber dar ordem, tem que saber mandar e tem que ser respeitado. O líder, o capitão de um time é aquele cara, não é para gritar com o juiz, é aquele cara que deve pegar o companheiro dele que está fazendo corpo mole e dar uma dura no companheiro dele, e até pedir para o técnico: “tire esse cara, porque esse cara está chupando sangue aqui”. Acabou essa figura. Então, hoje... Eu fico triste, porque antigamente o sonho de todo jogador do interior era ir jogar na capital.

Jornalista: Era um sonho? Era um sonho ser jogador de futebol?

Presidente: Eu tinha o sonho. Eu não podia ser porque não era bom de bola. Mas já joguei muito na Vila Carioca, ali em frente ao IBC, na rua Vemag com a rua Auriverde. Ali nós fizemos... jogávamos no (inaudível), joguei no Náutico, joguei no Flamengo. Eu nunca tive pretensão de ir em frente, porque também tinha que trabalhar, tinha que sustentar a família, então... Naquele tempo também era muito difícil treinar. Uma vez nós fomos, uma turma de oito companheiros para o Corinthians treinar. O (incompreensível) era o técnico,



mas chegou lá, não tivemos nem chance, foi “tchau, tchau e benção”. Mas eu acho que o sonho de um menino do interior, o que era? Era vir jogar em um campo de um time grande, né? O sonho era vir para São Paulo. Hoje não, hoje o sonho de qualquer moleque, seja de Pernambuco, seja de Taquaritinga... Você é de Taquaritinga?

Jornalista: Sim.

Presidente: Eu ouvi você falar de Taquaritinga, mostrou até fotografia do time de Taquaritinga.

Jornalista: Foi mesmo? (incompreensível) futebol.

Presidente: Só ele acredita que Taquaritinga... Eu...

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...falava muito do Taquaritinga, porque eu ia muito a Matão.

Jornalista: Sim, por causa do (incompreensível).

Presidente: Até um jovem, naquele tempo, queria vir jogar no Palmeiras, no São Paulo. Hoje, onde ele quer jogar? Na Europa, na Rússia. Ele nem fala em jogar na Itália, ele fala em jogar no exterior, jogar no estrangeiro. Ele quer saber é se ele vai ganhar dinheiro lá fora, é esse o grande sonho, que a gente não pode tirar. Mas era preciso que houvesse um misto nisso, como o Kaká fez agora. Essa tentativa do Manchester City querer levá-lo... porque jogar no Milan vale alguns milhões, não é apenas a quantidade que se recebe, é o prestígio que você tem, é a imagem que você cria, é você estar sendo visto



todos os dias em algum lugar do mundo. Jogar no Manchester City é você jogar... você vai ganhar bem, mas você está jogando contra o rebaixamento. Eu acho que tem que ter esse orgulho próprio do jogador, também, um pouco de orgulho e isso acabou um pouco. O Kaká deu um exemplo importante agora.

Jornalista: É verdade. Presidente, nós estamos começando a fazer um programa agora, cujo título é “O Brasil da Copa do Brasil”. Ou seja, vamos viajar pelas cinco regiões do País mostrando aquele Brasil profundo. A pergunta que eu faço ao senhor é a seguinte: nós vamos encontrar esse Brasil, hoje, diferente daquele que o senhor encontrou treze, quinze anos atrás, nas Caravanas da Cidadania?

Presidente: Vão, sobretudo vocês vão ver estradas muito melhores. Você vai ver que o pobre virou menos pobre, as pessoas mais pobres do interior estão comendo. Há muito mais gente trabalhando no País, o Nordeste tem dado um salto extraordinário. Lógico que essas coisas você não resolve em quatro, em oito anos, nem em dez, são coisas de uma geração para você começar a ver as mudanças.

Vai ver que, sobretudo no Nordeste, o desenvolvimento é extraordinário. Quando você estiver andando por lá, vocês vão visitar a construção da Transnordestina, que é uma ferrovia de 1.700 quilômetros ligando Pernambuco ao Ceará, passando pelo Piauí; vocês vão ver a refinaria de Pernambuco; vocês vão ver que as coisas estão andando bem. Eu acho que se nós tivermos uma continuidade de governantes que tentem alavancar a parte mais pobre da sociedade... ou seja, você não precisa tirar nada de ninguém, você precisa apenas distribuir um pouco mais justo para as pessoas que menos têm. É como a mãe da gente fazia com a gente: ela podia ter quatro, cinco filhos, se tivesse um mais debilitado, era daquele que ela tratava com mais carinho.



Governar é exatamente isso, ou seja, quem é que mais precisa do Estado? É a parte mais pobre da população brasileira. A parte mais pobre, essa precisa mais do Estado. Para quem tem emprego e ganha um salário de classe média, nós agora fizemos uma desoneração do Imposto de Renda, vai ajudar mais as pessoas, mas o problema é a parte mais pobre da população. Então, essa nós temos cuidado com mais carinho, mas falta muito ainda. Afinal de contas, são cinco séculos de descaso que você tenta consertar.

Mas eu queria falar uma coisa da Seleção brasileira, que eu acho que não respondi direito. Por que a torcida vaia a Seleção brasileira? Isso é uma coisa histórica. Quase todas as vezes que o Brasil vai para uma Copa do Mundo, raramente o Brasil não é vaiado nos amistosos feitos aqui no Brasil. Mas tem uma razão de ser. É que como é um amistoso, você não vê os jogadores com as turbinas 100% acionadas. Ele também tem que se precaver, porque ninguém pode quebrar a canela na véspera de viajar. Então, o pessoal está mais maneiroso. Acontece que para o torcedor não faz diferença entre amistoso e... ele quer que a Seleção entre lá, ele quer que os jogadores marquem todos os gols que ele gostaria de marcar, ele quer que os jogadores corram como se estivessem disputando a final da Copa do Mundo, e isso não vai acontecer nunca. Então, sempre vai ter esse tipo de atitude.

Quando jogam como jogaram contra o Chile, podem perder de 2 a 0, que eles vão ser aplaudidos. Quando jogam como jogaram na última Copa das Confederações, na Alemanha, que nós ganhamos da Argentina – depois de ter tomado um “passeio” em Buenos Aires, ganhamos lá – quando tem um jogo daquele, meu caro, é um mês de glória para todo mundo.

Agora, os jogadores precisam ser preparados psicologicamente, porque muito dinheiro, muita fama na mão de um jovem da periferia, pobre, de família humilde, que não teve nenhuma formação, se não tiver um preparo na cabeça desse jovem, ele acha que o mundo é só dele. Por isso é que muitas vezes as pessoas se perdem, não é? Tem gente que sai daqui para a Europa como



promessa e desaparece, não é isso?

Jornalista: Eu queria falar um pouquinho com o senhor sobre um fator de inclusão social. O senhor se lembra, por ocasião da sua primeira eleição, quando o senhor ganhou sua primeira eleição, o senhor montou um grupo de notáveis que elaborou um projeto que o senhor imaginava, que eles imaginavam que poderia ser aplicado pelo governo brasileiro. Por exemplo, o Trajano, Juca Kfourir, Paula, Hortência, Oswaldo de Oliveira, o Portela, Ana Mozer, muita gente envolvida... Sócrates também participou. Esse projeto foi entregue para o seu governo e se transformou, na verdade, em um programa, o Caravana do Esporte, que vai a regiões onde o Índice de Desenvolvimento Humano é muito baixo, e tenta colocar o esporte como fator de inclusão social, o esporte como fator que diminui a ida da criança ao hospital, a permanência dela em leitos hospitalares. E eles sabem a importância que o esporte tem. No seu governo, o senhor vê a aplicação do esporte dessa forma também?

Presidente: Olha, eu vou lhe contar uma coisa: eu tenho duas teses de que a educação e o esporte são dois instrumentos poderosos para que a gente aponte para a juventude uma luz no fim do túnel e que ela não precisa enveredar pelo caminho da facilidade, do crime organizado, do narcotráfico. Ou seja, sobretudo da própria saúde dele. O Programa Bolsa Família hoje tem 980 e poucos mil jovens participando. Nós temos dezenas de programas nas cidades brasileiras que são a tentativa de descobrir nas cidades brasileiras os atletas potenciais para disputar nos clubes de futebol, nas competições municipais, estaduais.

Agora eu vou ter uma reunião, no dia 10 de fevereiro, com todos os prefeitos que eu estou convidando para o dia 10 de fevereiro, que é uma coisa que eu quero discutir com nossos prefeitos. Os nossos prefeitos, por exemplo, podem contribuir muito na questão da desnutrição infantil, podem contribuir



muito na questão da mortalidade infantil, podem contribuir para a questão do analfabetismo e, sobretudo, na questão do esporte. Quando você vai construir uma escola hoje, você não pode construir uma caixa de fósforo. É preciso construir uma escola que tenha condições de as crianças terem opções de praticar esportes, fazer uma pista de atletismo, fazer uma piscina, fazer mais que uma quadra, fazer um pequeno campo de futebol. Por quê? Porque esse jovem, se ele participar de manhã da aula e à tarde ele ficar praticando esporte, ele vai chegar em casa com fome e cansado, que ele não vai ter tempo de pensar em nada ruim, ele vai descansar. E eu acho que é esse o caminho que nós vamos ter que fazer.

Se vocês analisarem o que aconteceu nesses últimos anos no Brasil, aconteceu muita coisa, na questão do esporte. Vocês podem perguntar para qualquer atleta, desde o Parapan-Americano, desde os atletas paraolímpicos, ou seja, os nossos portadores de deficiência, que nós estamos tratando com carinho para tentar fazer evoluir.

Agora, se a gente não fizer um jogo combinado com prefeituras e com o governo do estado, essa coisa demora muito mais para andar. Qualquer programa do governo que não tiver uma combinação perfeita, demora mais para andar. Daqui de cima, você achar que pode dedicar um dinheiro para a cidade de Rio Branco, no Acre, e vai acontecer aquilo que você previu, se não tiver um compromisso forte para que aquilo funcione, aquilo não funciona.

Então, a minha convocatória dos prefeitos é, inclusive, para motivar os prefeitos brasileiros para que eles compreendam que a prática esportiva na cidade pode dar uma melhor qualidade aos seres humanos que nós vamos criar naquela cidade. Não é um trabalho impositivo, porque você não pode impor, fazer uma lei para obrigar as pessoas a fazer tais coisas, mas é um trabalho de construção de uma parceria que eu quero fazer com os prefeitos brasileiros, para a gente colocar o esporte no top da linha, porque cada cidade pode dar uma contribuição.



Eu ainda espero que antes do final do meu mandato a gente possa ter... Essa Copa São Paulo, por exemplo, poderia ter Copa em cada estado. Depois você faria, nacionalmente, uma seleção dos 27 campeões, dos 25, dos 30, sei lá, ou dos campeões e dos vices. O que não pode é agora utilizar a Copa São Paulo com time que é criado só para aquilo, não tem nenhuma tradição, ou seja, é o empresário que monta o time, vai lá e apresenta. Não é correto.

Então, eu acho que o esporte tem que ser levado mais a sério. E eu posso te dizer agora, como Presidente da República: nós já fizemos muito, mas ainda tem muito para fazer. E nós não sabemos tudo, essa é a verdade. Por isso que eu queria até dar um conselho para vocês: não se preocupem de fazer crítica, não, e de cobrar, porque essas coisas, meu caro, se as pessoas não cobrarem... Política é assim. Deixa eu contar uma coisa para você. Se um dia você tiver um cargo, vai perceber o seguinte: o que não falta é gente para falar bem de você e puxar o saco. Então, se não tiver aqueles que fazem a crítica justa, que fazem a cobrança justa e que apontam o caminho, a gente tem menos chance de acertar.

Eu acho que nós ainda somos devedores ao esporte brasileiro, para fazer muito mais. Não no futebol, que esse já está consolidado, eu estou vendo agora, quase todos os clubes estão completando 100 anos, portanto nós temos um século, mais de um século de história. Mas eu estou falando do esporte como um todo. Descobrir nas escolas, a escola deveria ser o local em que a gente descobrisse as aptidões das crianças brasileiras. E elas só vão poder escolher se eles tiverem um leque de alternativas... Às vezes, uma escola é feita, lá tem uma quadrinha – você já viu muito em São Paulo isso – não tem rede, está quebrada, lá, a tabela, e não tem professor de educação física na escola. Então, não vai acontecer nada.

Jornalista: Presidente, queria muito agradecer a oportunidade de o senhor encontrar um espaço na sua agenda para nos receber, falar sobre o esporte,



discutir o esporte brasileiro, falar sobre o Corinthians, também, como prometemos, falaremos sobre o Corinthians. Mas, acima de tudo, dizer que a forma como nós entendemos o esporte é próxima do desejo de todos, de termos o esporte como um instrumento forte para que a sociedade possa se fortalecer cada vez mais. A gente entende o esporte dessa forma. Obrigado, Presidente.

Presidente: Olha, eu quero primeiro agradecer a vocês três, à ESPN, por ter marcado esta entrevista. Durante um tempo o Franklin me dizia que o Presidente não pode ficar falando muito de esporte. Eu talvez seja o único presidente do mundo que tem um time definido, apesar de que o pessoal acha que presidente não deve ter time. Eu digo logo que eu sou corintiano, que eu sou vascaíno, que eu sou cruzeirense, que eu sou Náutico em Pernambuco, para todo mundo saber o que eu penso.

Mas eu queria dizer para vocês que eu trabalho com esse carinho, com o esporte. Gostaria que vocês pudessem contribuir com mais crítica no programa de vocês, para que a gente tentasse fazer o melhor possível. Até porque o esporte, neste país, a começar do futebol, que é o que todos nós pensamos que somos especialistas, sobretudo os leigos, como eu... a começar do esporte, nós temos que fazer tudo, porque o povo brasileiro não pode prescindir dessa paixão nacional. Os clubes precisam entender o respeito ao povo, os jogadores têm que entender o respeito ao povo e o povo entender que os atletas são profissionais e que precisam sobreviver.

De forma que eu quero agradecer a vocês. E espero que tenhamos outras oportunidades, quando o Corinthians for campeão paulista.

Jornalista: Com certeza. Obrigado, gente. Obrigado. Agradeço ao nosso fã do esporte que participou, como sempre, do nosso Bola da Vez, você sabe que pode encaminhar as suas perguntas para espn.com.br/boladavez. Bola da Vez



especial, com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Tchou, pessoal.

Presidente, duas coisinhas, o senhor pode fazer... Nós temos a Rádio Eldorado ESPN, que é a Rádio Eldorado do Estádio, nós nos associamos com o esporte. O senhor pode mandar uma mensagem... No caso, é FM?

Jornalista: É FM.

Jornalista: FM, que nós estamos na FM agora, também. É Eldorado e ESPN. Só mandar um abraço, ou alguma coisa assim.

Presidente: Aos ouvintes da Eldorado?

Jornalista: Isso. Eldorado e ESPN.

Presidente: Olhando para vocês? Mas é para o rádio, como é que eu vou olhar para vocês?

Jornalista: Vou só gravar o áudio, Presidente. Na hora que o senhor quiser.

Presidente: Olha, eu quero mandar um abraço a todos os funcionários, a todos os profissionais da Eldorado e ESPN, e também aos ouvintes da Eldorado e ESPN. Boa sorte, e continuem cobrindo bem o nosso esporte.

(\$31DHJLP)